

Credores não entendem o que Sarney quer

Os banqueiros têm procurado o FMI, preocupados com a fala dura do presidente. E esse é um momento delicado: o País precisa de mais prazo para pagar a dívida.

Representantes do Brasil no Fundo Monetário Internacional receberam consultas pelo telefone de representantes dos Estados Unidos na instituição e de banqueiros, todos intrigados com as recentes diárias do presidente José Sarney contra os credores.

Sarney tem usado uma linguagem dura em relação aos credores, ao mesmo tempo em que despacha o ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central para obter a sua boa vontade. A ambigüidade do governo tem sido uma fonte permanente de controvérsia. Alguns acham que a ambigüidade é deliberada, visando a desequilibrar os adversários. Do ponto de vista de alguns funcionários do Itamaraty, é até desejável. Outros concluem que essa ambigüidade é produto do amadorismo e da confusão que existem no governo.

O ministro Francisco Dornelles foi para Paris, onde o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, passa suas férias. Antônio Carlos Lemgruber chega hoje aos Estados Unidos para negociar com os bancos a prorrogação por mais alguns meses do prazo do acordo da fase dois. O prazo expira dia 31 de agosto. Sem a prorrogação, haveria sérios vazamentos nas linhas de crédito a curto prazo dos bancos para o Brasil.

De Jacques de Larosière, Dornelles vai procurar obter um telex para os bancos, recomendando a extensão dos prazos do acordo, sob a alegação de que as negociações do FMI com o Brasil prosseguem normalmente, e que tanto a instituição como o governo pretendem chegar a um entendimento.

Evidentemente, quando os credores observam os sinais de fumaça que saem pela boca do presidente José Sarney ficam confusos sobre as verdadeiras intenções do governo. Muitos deles telefonaram para funcionários brasileiros, querendo saber qual o significado dessas declarações, principalmente dos discursos feitos no Uruguai. Sem saber o que dizer, um funcionário brasileiro tentou minimizar o tom das falas presidenciais, explicando que, acima de tudo, tinham endereço interno.

"Espero que os bancos se tenham convencido disso", afirmou a fonte. "Não cheio que precisemos de dificuldades adicionais com os credores".

**A.M. Pimenta Neves,
de Washington.**